

“EU PRIFIRO ME CALAR”: MASCULINIDADE HEGEMÔNICA, INTIMIDADE E OS DESAFIOS DA COPARENTALIDADE NA PERSPECTIVA DE UM PAI

Ana Clara Matos de Oliveira¹;

¹Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) Santo Antônio de Jesus, Bahia.
<http://lattes.cnpq.br/3751424809629961>

Ana Lucia Barreto da Fonseca²;

²Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) Santo Antônio de Jesus, Bahia.
<http://lattes.cnpq.br/0827905171258986>

Lucivanda Cavalcante Borges de Sousa³;

³Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Petrolina, Pernambuco.
<http://lattes.cnpq.br/1400479085991320>

Iana Gabriela Mendes de Jesus⁴;

⁴Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) Santo Antônio de Jesus, Bahia.
<http://lattes.cnpq.br/7517071121107798>

Maiana de Jesus Souza⁵;

⁵Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) Santo Antônio de Jesus, Bahia.
<https://lattes.cnpq.br/2878112091612387>

Aleff do Sacramento Lima Araujo⁶;

⁶Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Bahia.
<http://lattes.cnpq.br/9704033032065602>

Dandara de Jesus Britov⁷;

⁷Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) Santo Antônio de Jesus, Bahia.
<http://lattes.cnpq.br/1301410466839558>

Ângela Ramos Coutinho⁸;

⁸Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) Santo Antônio de Jesus, Bahia.
<http://lattes.cnpq.br/1576111754319500>

Marcos Melo Marques Carneiro⁹;

⁹Centro Universitário Nobre (UNIFAN), Feira de Santana, Bahia.
<http://lattes.cnpq.br/3585464427119542>

Paula Hayasi Pinho¹⁰;

¹⁰Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) Santo Antônio de Jesus, Bahia.
<http://lattes.cnpq.br/2851217925555175>

Simone Seixas da Cruz¹¹.

¹¹Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) Santo Antônio de Jesus, Bahia.
<http://lattes.cnpq.br/3699965077755163>

RESUMO: Este capítulo examina os impactos da masculinidade hegemônica sobre a dinâmica da coparentalidade, a partir de um estudo de caso conduzido com um pai de duas

filhas. Fundamentado na perspectiva comportamental-contextual e nos estudos críticos sobre masculinidades, a análise evidencia padrões recorrentes de esquiva emocional, delegação de funções afetivas à mãe e rigidez relacional como desdobramentos diretos de um modelo cultural que desencoraja a expressão de vulnerabilidade nos homens. O capítulo discute como esses mecanismos comprometem a cooperação parental e a qualidade dos vínculos familiares, ao mesmo tempo em que produzem sofrimento psíquico e isolamento nos próprios homens. Conclui-se que a coparentalidade pode ser um espaço privilegiado para a construção de novas masculinidades, desde que intervenções clínicas e políticas públicas fomentem práticas de vulnerabilidade compartilhada e corresponsabilidade afetiva.

PALAVRAS-CHAVE: Coparentalidade. Intimidade. Paternidade.

“I PREFER TO KEEP QUIET”: HEGEMONIC MASCULINITY, INTIMACY AND THE CHALLENGES OF COPARENTING FROM A FATHER’S PERSPECTIVE

ABSTRACT: This chapter examines the impacts of hegemonic masculinity on the coparenting dynamic, drawing on a case study conducted with a father of two daughters. Grounded in a behavioral-contextual perspective and critical masculinity studies, the analysis reveals recurring patterns of emotional avoidance, delegation of affective functions to the mother, and relational rigidity as direct outcomes of a cultural model that discourages vulnerability expression in men. The chapter discusses how these mechanisms undermine parental cooperation and the quality of family bonds, while simultaneously producing psychological distress and isolation in men themselves. It concludes that coparenting can be a privileged space for the construction of new masculinities, provided that clinical interventions and public policies foster practices of shared vulnerability and affective co-responsibility.

KEYWORDS: Coparenting. Intimacy. Fatherhood.

INTRODUÇÃO

A coparentalidade, que é entendida como o exercício compartilhado e cooperativo das responsabilidades parentais entre genitores, tem sido apontada como fator protetivo para o desenvolvimento infantil e para a qualidade das relações familiares (Fonseca et al., 2024; Feinberg, 2003). No entanto, sua efetivação depende de comunicação aberta, negociação de conflitos, tomada de decisão conjunta e, sobretudo, da capacidade de expressar vulnerabilidades e construir intimidade interpessoal, habilidades que o modelo de masculinidade hegemônica, prevalente na cultura ocidental, desencoraja sistematicamente nos homens (Connell, 2005; Zanello, 2018). Este modelo normativo, ancorado em práticas culturais que reforçam a racionalidade, o controle emocional e a desqualificação do feminino, estabelece consequências adversas para os próprios homens, incluindo a supressão de respostas emocionais vulneráveis, a esquiva experiencial e a dificuldade no estabelecimento de relações íntimas (Kuch & Dittrich, 2023; Neilson & Mainland, 2025). Tal realidade corrobora em muitos momentos para panoramas de paternidades pouco afetivas,

violentas e até mesmo pode ser relacionada com as altíssimas taxas de abandono parental.

OBJETIVO

Diante desse cenário, o presente resumo tem como objetivo analisar, a partir de uma perspectiva comportamental-contextual, como os padrões de masculinidade hegemônica impactam a dinâmica da coparentalidade, identificando os mecanismos de esquiva emocional, delegação de funções afetivas e rigidez relacional que comprometem a construção de vínculos cooperativos entre o casal parental.

METODOLOGIA

O presente resumo se baseia de forma primordial em uma pesquisa maior, conduzida pelo Núcleo de Comportamento, Desenvolvimento e Cultura (NCDC) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Valeu-se de um estudo de caso, retirado de um estudo mais amplo sobre coparentalidade, através de entrevista semiestruturada com um pai de duas filhas. O instrumento abordou dimensões do exercício parental sob a perspectiva da coparentalidade; divisão de tarefas, participação nas decisões parentais, comunicação entre o casal, resolução de conflitos e percepção sobre o próprio papel paterno. A análise dos dados baseou-se nos conceitos de masculinidade hegemônica (Connell, 2005) e nos modelos comportamentais de intimidade propostos por Cordova e Scott (2001) e Kanter et al. (2020), que descrevem a intimidade como produto de histórias de reforçamento de respostas vulneráveis em contextos interpessoais. A interpretação das respostas verbais buscou identificar padrões funcionais de comportamento compatíveis com as expectativas culturais de gênero e seus efeitos sobre a coparentalidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a entrevista o comportamento verbal do sujeito reproduz de modo recorrente padrões que buscam reafirmar discordâncias e conflitos no processo de coparentalidade. As repostas verbais denunciam histórico de contingências aversivas a situações de exposição emocional - dificuldades em expressões de confiança, presente na relação com as filhas e, principalmente com a parceira, presente na resposta verbal emitida a seguir; “poder confiar mais e ser menos retraído, que eu acho que pelo menos uns 60 a 70% de todo problema seria resolvido, mas seria mais essa questão.”. Aspecto mantido em alguns momentos da entrevista, como quando emite a resposta: “Quando a gente entra no conflito, eu prefiro me calar, eu deixo ela falar.”, evidenciando o padrão de resposta que denuncia comportamento de fuga a resolução de conflito e provável evitação à expressão emocional. Comportamento de fuga tende a dar alívio imediato a situações aprendidas como aversivas/punitivas, apresentando reforço negativo imediato, pois retira o estímulo aversivo, já que a sensação imediata de controle do conflito provoca a sensação de supressão da exposição emocional, que, definida pela história cultural define que a formação da masculinidade deve suprimir que expressam vulnerabilidade (Valério et al., 2022). A longo prazo esse padrão de

comportamento pode impedir a negociação ativa e o compartilhamento de responsabilidades afetivas, elementos centrais da coparentalidade positiva (Fonseca et al., 2024).

Outro aspecto relevante é a delegação das funções decisórias e afetivas à mãe. O entrevistado expressa não ter padrão de comportamento para resoluções de problemas da família, descreve que “dependendo da situação, tem vez que eu deixo ela agir mais, porque ela é mais... o temperamento dela é mais alto. Muitas vezes eu deixo ela agir.” Esta resposta verbal aponta a ausência de padrões de respostas sociais que o prepare para decisões familiares de educação e cuidado com as filhas, com a naturalização de aprendizado de respostas a figuras femininas, a mãe assume a centralidade nas decisões e na gestão emocional da família, enquanto o pai ocupa posição periférica, justificada pela suposta “intensidade” do temperamento feminino. Tal padrão alinha-se à descrição de Connell (2005) sobre a masculinidade hegemônica como um conjunto de práticas que estabelecem hierarquias de valor e autoridade, ao mesmo tempo em que desqualificam o feminino, mas também relegam os homens a um papel de distanciamento emocional que os priva da intimidade relacional.

O entrevistado também identifica seu padrão de comportamento condicionado/rígido quando apresenta a audiência a dificuldade de flexibilizar suas respostas as demandas familiares, sinaliza a rigidez emocional e o coloca como um obstáculo na emissão de “Eu sei que sou muito cabeça dura.”. Esta autodescrição, que remete à noção de “cabeça dura” como sinônimo de inflexibilidade e racionalidade exacerbada, que na perspectiva comportamental, tal rigidez é produto de um repertório moldado por contingências culturais que punem a expressão de medo, tristeza ou insegurança e reforçam a supressão emocional (Neilson & Mainland, 2025). O fato de o entrevistado reconhecer esse padrão de comportamento como um “problema” sinaliza que as contingências de reforço não têm sido acessadas a estas repostas, porém o condicionamento a que esteve submetido ao longo da construção da sua masculinidade, de forma que os reforços podem estar sendo apresentados de modo intermitente, mantendo forte o comportamento e dificultando a aprendizagem de novos repertórios comportamentais. O ambiente social necessita apresentar contingências mais reforçadoras a emissão de respostas sociais alternativas/emocionais as demandas afetivas da coparentalidade com a família, em especial a esposa e as filhas.

Ao final da entrevista, quando colocado em contato com a perspectiva dos desafios da paternidade, o entrevistado emite resposta verbal “Nessa parte eu nunca pensei.” Esta resposta, aparentemente simples, pode revelar falta de reflexão sistemática sobre o próprio papel na relação parental, o que pode indicar a naturalização da posição periférica ocupada pelos homens no cuidado parental, bem como a ausência de modelos alternativos de paternidade que integrem a dimensão emocional como parte constitutiva do exercício parental. Nesse sentido, a coparentalidade poderia ser um espaço privilegiado para o desenvolvimento de novas masculinidades, mas isso exige que os homens sejam expostos a contingências que reforcem a vulnerabilidade e a intimidade, algo que as práticas culturais

vigentes ainda não oferecem de forma sistemática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da entrevista evidencia que os padrões de masculinidade hegemônica atuam como barreiras significativas para a coparentalidade positiva, manifestando-se em estratégias de esquiva diante de conflitos, delegação das funções afetivas à mãe, rigidez emocional e dificuldade de expressar vulnerabilidade. Tais padrões, longe de serem meras escolhas individuais, são produtos de um processo contínuo de socialização masculina que pune a intimidade e reforça o distanciamento emocional como marca identitária do “ser homem”. As consequências desse modelo são desastrosas não apenas para as relações familiares, mas para a saúde mental dos próprios homens, que experimentam solidão, baixa qualidade dos vínculos e maior risco de adoecimento psíquico (Holt-Lunstad et al., 2010; Bennett et al., 2023). Apesar das limitações inerentes a um estudo de caso, acredita-se que este resumo contribua para a compreensão dos desafios relacionais impostos pela masculinidade hegemônica e para a direção de futuras pesquisas e práticas clínicas comprometidas com a transformação cultural.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

- FONSECA, A. L. B. da et al. **Coparentalidade positiva: realidade a ser conquistada.** In: FONSECA, A. L. B. da; BRASIL, D. C.; SILVA, K. C. A. da (Org.). *Comportamento e cognição: estudos em saúde e educação*. 1. ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2025. p. 175-205.
- KUCH, I. E.; DITTRICH, A. **As masculinidades como variáveis relevantes para analistas do comportamento: reflexões teóricas e práticas. Perspectivas em Análise do Comportamento**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 154-169, 2023. DOI: 10.18761/vecc291122a. Disponível em: <https://doi.org/10.18761/vecc291122a>. Acesso em: 18 jun. 2026.
- VALÉRIO, A.; CASTRO, D. P. de; FLORÊNCIO, T. **Reflexões sobre masculinidades: possibilidades de interpretação a partir de uma visão analítico-comportamental. Perspectivas em Análise do Comportamento**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 41-53, 2022. DOI: 10.18761/VEEM.13796. Disponível em: <https://doi.org/10.18761/VEEM.13796>. Acesso em: 18 jun. 2026.
- ZANELLO, V. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação.** Curitiba: Appris, 2018.